

**Eixo Temático: Inovação e Sustentabilidade**

**INOVAÇÃO NA GESTÃO DO ENSINO E APRENDIZAGEM COM AUXÍLIO DAS  
FERRAMENTAS DA COMUNICAÇÃO PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**INNOVATION IN THE MANAGEMENT OF TEACHING AND LEARNING WITH  
THE TOOL OF COMMUNICATION TOOLS FOR ENVIRONMENTAL  
EDUCATION**

Lauriane Tramontina Zeni, Pâmela Andrade de Moraes, Sandra Beatriz Vicenci Fernandes, Daniel Knebel Baggio e Nelson Jose Thesing

**RESUMO**

O artigo tem como objetivo apresentar a importância do uso das práticas comunicacionais nos processos pedagógicos, focando a valorização da questão ambiental nesse processo e expondo as mudanças tecnológicas e as ferramentas midiáticas em uma perspectiva de inovação dos processos de gestão educacional, que possibilitem suprir as necessidades atuais das escolas. O artigo destaca a Educomunicação como uma chave inovadora, tanto para o desenvolvimento de nossos professores e de seus métodos, quanto para a formação de cidadãos comprometidos com o outro e o meio ambiente. O estudo desenvolveu-se inicialmente através de uma pesquisa bibliográfica, sendo seguida por uma pesquisa qualitativa com aplicação de questionários para professores do ensino público do interior do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, muito além de professores dispostos, alunos envolvidos e comunidade escolar engajada, precisamos de governos abertos e empenhados na longa caminhada, auxiliando e sensibilizando, em um trabalho integrado.

**Palavras-chave:** Educomunicação, Educação Ambiental, Inovação, Sustentabilidade, Comunicação.

**ABSTRACT**

The article aims to present the importance of the use of communication practices in pedagogical processes, focusing on the valorization of the environmental issue in this process and exposing the technological changes and the media tools in a perspective of innovation of the educational management processes that make it possible to meet the needs Schools. The article highlights Educommunication as an innovative key, both for the development of our teachers and their methods, and for the formation of citizens committed to each other and the environment. The study was initially developed through a bibliographic research, followed by a qualitative research with the application of questionnaires for teachers of public education in the interior of Rio Grande do Sul. In this sense, much more than willing teachers, involved students and engaged school community, We need governments open and committed to the long walk, helping and raising awareness in an integrated work.

**Keywords:** Educommunication, Environmental Education, Innovation, Sustainability, Communication.

## 1 INTRODUÇÃO

Com as novas tecnologias e o advento da internet, surgiu também a necessidade de comunicação direta e próxima no ambiente digital e, por consequência somos encaminhados ao mundo das redes sociais e das ferramentas midiáticas. Essas redes chegaram e conquistaram as pessoas com muita expressão a partir do início dos anos 20 e continuam, dia após dia, a conquistar o seu espaço no cotidiano das pessoas.

Um novo mundo foi construído. Depois da era industrial fomos encaminhados ao centro de desenvolvimento de tecnologias que aproxima visões de mundo com apenas um *click*, e acompanhar essa evolução tornou-se um desafio que pode ser perfeitamente aproveitado pela comunicação juntamente com a educação, inovando processos de ensino-aprendizagem em um contexto em que o desafio maior é a educação para e pela sustentabilidade.

Escolas e instituições que até pouco tempo detinham de um site institucional pouco acessado e atualizado, agora precisam de forma constante rever e publicar suas informações *online*, interligando suas redes de relacionamento com seu público, no caso, com sua comunidade acadêmica – ou seja, alunos, professores, pais e comunidade escolar. Na perspectiva de interatividade, a comunicação busca novas experiências permitindo a projeção de ações do homem com auxílio de ferramentas como rádio, TV e jornal escolar.

O desafio maior reside em aproximar os estudantes dos conteúdos obrigatórios em sala de aula, mas com um diferencial estratégico de ensino a partir da comunicação e seus aportes na busca por uma educação ambiental, não apenas decorada para questões de avaliações momentâneas e de disciplina, mas como um aprendizado absorvido e compreendido na íntegra. Um ensino comparado ao que afirma Gutiérrez e Prado apud Gadotti (2000, p. 46) “aprender é muito mais que compreender e conceitualizar: é querer, compartilhar, dar sentido, interpretar, expressar e viver”.

Partindo da constatação de que a sociedade de consumidores não sabe como cuidar do mundo, substituindo a participação política e a defesa de interesses comuns pela mera busca de saciedade e pertencimento, afirmamos que a reversão desta postura passa inquestionavelmente pela educação. Não no sentido de responsabilizar a escola sozinha pela transformação da realidade social, mas na perspectiva de apostar na vinculação da educação com a natalidade, com a possibilidade de acolher as novas gerações e contagiá-las com auxílio da comunicação.

A educação ambiental torna-se imprescindível, tanto para a (re) construção do sentido de humanização quanto para a (re) educação para os desafios apresentados pelo contexto da crise ambiental, demandando o enfrentamento de temas relacionados à perdas na qualidade de vida em amplitude planetária.

Por fim, enfatizamos que a construção de um novo saber ambiental, com vistas à sustentabilidade, requer a superação da fragmentação do saber e das práticas, emergindo de um processo transdisciplinar de problematização e transformação dos paradigmas dominantes dos conhecimentos, integrando a gestão escolar com a comunicação social e suas ferramentas.

Para fins metodológicos, este estudo foi elaborado em dois momentos distintos e interligados. O passo inicial se deu a partir de uma pesquisa bibliográfica e descritiva, utilizando autores expoentes acerca da temática, considerando a abrangência de suas obras e sua influência no estado da arte do campo temático em tela, como Paulo Freire, Enrique Leff, Moacir Gadotti e Edgar Morin. Em um segundo momento, passou-se para a análise e discussão das informações coletadas, da qual foi definida pelos autores como “*braisnstorm* de educação ambiental”.

## 2 TEORIZANDO

### 2.1 EDUCOMUNICAÇÃO, INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A comunicação e a educação são áreas de conhecimento cada vez mais interligadas, assim como seus processos, que atualmente sustentam um neologismo designado “Educomunicação<sup>1</sup>”, propondo uma reflexão mais ampla dos problemas ambientais dentro de sala de aula. Segundo Soares (2011), a Educomunicação é o conjunto das ações inerentes ao planejamento e implementação de processos e produtos destinados a: ampliar a capacidade de expressão de todas as pessoas num espaço educativo; melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas; desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios de comunicação; usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativa e, criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos.

Schaun (2002) percebe a importância da educomunicação, ao afirmar que tanto a comunicação quanto à educação

são espaços públicos problematizadores das questões do contemporâneo, são âmbitos para estimular a reflexão e a realização das ações que discutam os andamentos completos referentes aos modos de formar, circular e se apreender as redes semióticas, e os agenciamentos coletivos disponibilizados socialmente pelos processos educacionais.

Em princípio, Educomunicação parecer ser apenas uma integração das áreas de Educação e Comunicação, porém, muito mais que isso, nasce desta soma um terceiro termo que é a ação de duas práticas. Uma ação que nos apresenta questionamentos quanto à evolução dos processos comunicativos no meio escolar. Educar é sem dúvida nenhuma, comunicar. Mas a pergunta que fica sempre que falamos deste processo de ensino socioambiental é se nossos professores estão realmente comunicando-se com seus alunos e assim provendo um ensino qualitativo no que se refere às questões de sustentabilidade? Ou ainda, nossos gestores educacionais, oportunizam dinâmicas diferenciadas nas instituições de ensino, voltando seus olhares ao ambiente que estão inseridos? Nossas séries iniciais estão lotadas de crianças proativas e curiosas, as quais nasceram conectadas. Muitos com menos de cinco anos de idade já são usuários de computadores, *smartphones*, *tabletes* e *notebooks*. São conhecedores de aplicativos e *games*. E os nossos professores utilizam-se dessa mesma comunicação, para tratar sobre sustentabilidade? E sobre demais assuntos?

Passamos por um processo de desenvolvimento tecnológico acelerado e o professor transita por um caminho de educador para o de mediador de conhecimento. Não é possível mais, um aluno sentar quieto e ouvir de forma passiva, por horas um professor apresentando a matéria, copiar do quadro os textos ou então compor trabalhos utilizando livros didáticos. Assim, a comunicação e suas possibilidades ingressam como fator determinante neste processo de ensino-aprendizagem à questão ambiental – em todas as áreas, mas especialmente às questões ambientais, inovando formas de apresentação para todos os alunos –, inovando formas de apresentação dos conteúdos, associando o presencial com o virtual, a teoria com a prática.

Os questionamentos elencados acima são cada vez mais inseridos em nossas escolas e precisam ser avaliados por meio de pesquisas, para que o ensino de base qualifique-se e acompanhe o avanço tecnológico, provendo assim, um aluno qualificado e um cidadão consciente de seu papel na sociedade. A busca constante pela inovação, por meio da criação e desenvolvimento de novos produtos e processos, diversificação, qualidade e absorção de tecnologias avançadas, é indispensável para assegurar elevados níveis de eficiência,

---

<sup>1</sup> Termo que surgiu a partir das pesquisas desenvolvidas pelo [Núcleo de Comunicação e Educação \(NCE\)](#) da Universidade de São Paulo (USP) no final da década de noventa (1997-1999) após a realização da [Pesquisa Perfil do Educomunicador](#).

produtividade e competitividade das organizações, neste caso, em especial, as instituições de ensino. Ao voltarmos a atenção do ensino direto a educação socioambiental, uma das primeiras noções com as quais nos deparamos é a de cuidado. Logo indagamos se somos capazes de cuidar do mundo? E de acordo com Arendt (1972), a resposta é negativa, pois para a autora, o homem moderno não é capaz de cuidar do mundo, consumindo de forma voraz, ao invés de preservá-los.

Segundo Correia (2008), politicamente, importa realçar, o fato de que uma sociedade de consumidores não é capaz de cuidar do mundo onde se desenrola a vida política, uma vez que seu modo de lidar com todos os objetos, a atitude de consumo, condena à ruína tudo em que toca. Se o consumidor é o avesso do cidadão, então chega-se ao exato momento em que é preciso voltarmos nossos olhares à educação, a fim de formar muito mais que meros consumidores, mas sim cidadãos e consumidores conscientes. A educação, e em especial, a educação socioambiental, possuem papel relevante nesse processo, pois a partir da construção do conhecimento e da compreensão do mundo, os indivíduos poderão exercer a cidadania de modo efetivo.

Para tanto, educar-se precisa ser sinônimo de inserir-se num espaço-tempo dedicado ao acesso ao legado cultural do passado, ao desenvolvimento de habilidades e competências, à construção de conceitos e à partilha de significados, possibilitando a ampliação dos entendimentos sobre o mundo e a sua inserção nesta esfera, responsabilizando-se por seus rumos.

Desse modo, a Educação Ambiental, aliada às ferramentas da comunicação, oportuniza a revisão de nossos comportamentos em relação ao ambiente, percebendo que a atual crise ambiental resulta da ação antrópica, de um conjunto de saberes que propõem a produção e o consumo sem limites, como realização plena do imaginário humano. As inovações que surgem a todo momento são ao mesmo passo grandes conquistas e grandes provedores de consumo acumulo.

Os bens e serviços essenciais de nosso planeta dependem da variedade e da variabilidade dos genes, espécies, populações e ecossistemas. Os recursos biológicos nos alimentam e nos vestem, e nos proporcionam moradia, remédios e alimento espiritual. Os ecossistemas naturais de florestas, savanas, pradarias e pastagens, desertos, tundras, rios, lagos e mares contêm a maior parte da diversidade biológica da Terra. Os campos agrícolas e os jardins também têm grande importância como repositórios, enquanto os bancos de genes, os jardins botânicos, os jardins zoológicos e outros repositórios de germoplasma fazem uma contribuição pequena mais significativa. O atual declínio da diversidade biológica resulta em grande parte da atividade humana, e representa uma série ameaça ao desenvolvimento humano (ANTUNES, 2005, p.414).

Não se pode culpar o desenvolvimento científico e tecnológico pelo desastre que estamos vivendo neste momento, pois se cada vez mais as pessoas querem o novo, anseiam por participar de tribos atualizadas e de status, faz-se necessário o estudo e descobrimento de novas ferramentas e possibilidades de desenvolvimento. O que se faz necessário é reconhecer que está nas mãos de toda sociedade os futuros caminhos traçados pelo planeta. Adotar uma atitude de cuidado com relação ao mundo, implica admitir que o ser humano é totalmente dependente do meio ambiente e dos organismos vivos que o compõem e que a destruição ambiental equivale a destruição do habitat humano.

Responsabilizar-se pelo mundo requer a preservação, enquanto condição sine qua non para a qualidade de vida humana no planeta terra. A compreensão das interconexões existentes em toda a dinâmica da sociedade e sua relação com a natureza torna-se indispensável, e a educação torna-se papel fundamental, em especial, a Educação Ambiental.

Nesse contexto, Freire (1996) assinala a relevância do educador enquanto tradutor de informações por meio de ferramentas comunicacionais de forma dinâmica e participativa,

superando a concepção de educação bancária na qual o professor apenas transfere informações desconexas tal como alguém que faz um depósito bancário. Ao invés disso, a educação precisa ser libertadora, mobilizando os educandos a expressarem seus pontos de vista e estarem abertos aos posicionamentos dos demais. Com especial atenção à educação ambiental, o método apontado por Freire permite que afirmemos, que ao elaborar discussões com os estudantes, todos ganham, afinal, o conhecimento será compartilhado de um para todos e este é o momento exato em que exemplos de colegas podem se tornar grupos empenhados pela mesma causa.

Em sala de aula é importante a reflexão de que os estudantes possuem processos de aprendizagem distintos, e muitas vezes os professores realizam a apresentação dos conteúdos de forma uniforme, comunicando o todo, sem distinguir qual forma de comunicação vai atingir o singular. É nesse sentido, que Freire destaca a importância da comunicação clara e simples com múltiplas análises.

## 2.2 COMUNICANDO E GERINDO UM NOVO SABER AMBIENTAL

Os problemas que nos preocupam e preocupam o mundo, incluem a degradação ambiental, o risco de colapso ecológico, a desigualdade social e a pobreza extrema, os quais são sinais eloquentes da crise do mundo globalizado. A sustentabilidade é o significante de uma ruptura fundamental na história da humanidade, o sintoma de uma crise de civilização que alcança seu momento culminante na transição da modernidade fragmentada, dividida e caótica, para uma pós-modernidade incerta, um novo momento histórico marcado pela diferença e pela autonomia.

O saber ambiental emerge de uma reflexão sobre a construção social do mundo atual, onde convergem e se precipitam os tempos históricos, abrindo as perspectivas de uma complexidade onde se amalgamam o natural, a tecnologia e o simbólico; onde se (re)significam tradições filosóficas e identidades culturais diante da cibernética, da comunicação eletrônica e da biotecnologia. O saber ambiental se configura na hibridação do mundo marcado pela tecnologização da vida e economização da natureza, pela mestiçagem das culturas, pelo diálogo dos saberes e pela dispersão de subjetividades, onde estão se (re)significando os sentidos da existência à contracorrente do projeto unitário e homogeneizante da modernidade. Tempos em que emergem novos valores e racionalidades que reorientam a construção do mundo.

A evolução da sociedade, associando-a à crise civilizatória, cuja expressão é visível através da atual a racionalidade econômica e tecnológica são dominantes:

A degradação ambiental emerge do crescimento e da globalização econômica. Ela se manifesta não só na degradação das bases da sustentabilidade ecológica do processo econômico, mas como uma crise de civilização que questiona a racionalidade do sistema social, os valores, os modos de produção e os conhecimentos que os sustentam (LEFF, 2001, pg.56).

Conforme percebemos nos escritos de Leff (2001), fica evidenciado que a partir dos anos 60, a crise ambiental surge da irracionalidade ecológica dos padrões dominantes de produção e consumo, marcando os limites do crescimento econômico. Neste contexto, emerge uma consciência ambiental e, na percepção desta crise ambiental, a apropriação do conceito de ambiente. Assim, a noção de sustentabilidade foi sendo divulgada e vulgarizada até fazer parte do discurso oficial e da linguagem comum.

Em resposta ao pensamento neoliberal ambiental, que busca delimitar as resistências da cultura e da natureza submissas dentro da lógica do capital, a questão ambiental passa pela valorização da diversidade étnica e cultural da espécie humana, pela fomentação da valorização de diferentes formas de manejo produtivo da biodiversidade. Leff (2001) sugere que uma problemática ambiental não deve situar-se apenas no domínio do social nem do natural, nem

numa formulação de uma teoria geral formal, vazia de conteúdos reais; ao contrário, deverá observar que estes sistemas estão dialeticamente imbricados e possuem autonomias e interdependências simultâneas.

A partir deste contexto, Leff (2001) aponta para a desconstrução do paradigma econômico/instrumental da modernidade e para a reconstrução de outros futuros possíveis, baseados nas estratégias do ecodesenvolvimento. Postula-se a necessidade de fundar novos modos de produção e estilos de vida, alicerçados pelas condições e potencialidades ecológicas de cada região, assim como na diversidade étnica e na autonomia das populações para a gestão democrática dos seus recursos.

Ainda segundo o autor, a construção do novo paradigma depende não apenas de uma pessoa, mas de uma consciência coletiva. Para ele,

a construção deste novo paradigma e sua legitimação depende, no entanto, da formação de uma consciência coletiva, da emergência de novos atores sociais e da condução de ações políticas através de novas estratégias de poder em sociedades democraticamente imperfeitas onde a consciência ambiental é pervertida pelas formas de controle dos poderes dominantes, ou seja, envolve a relação de forças que surge no confronto de interesses diferenciados” (LEFF, 2001, P. 71/72).

A partir da percepção da crise ecológica atual e da necessidade de se construir este novo paradigma alternativo de produção, baseado nas premissas do ecodesenvolvimento, Leff (2001, p. 17) propõe uma nova configuração para o conceito de ambiente, passando a ser entendido como:

(...) uma nova visão do desenvolvimento humano, que reintegra os valores e potenciais da natureza, as externalidades sociais, os saberes subjugados e a complexidade do mundo, negados pela racionalidade mecanicista, simplificadora, unidimensional e fragmentadora que conduziu o processo de modernização.

Dada a complexidade da problemática ambiental e dos múltiplos processos que a caracterizam Leff (2001) questiona a fragmentação e compartimentalização do conhecimento disciplinar, incapaz de explicá-lo e resolvê-lo. A construção de uma racionalidade ambiental implica portanto, a formação deste novo saber e a integração interdisciplinar do conhecimento para explicar o comportamento de sistemas socioambientais complexos.

A retotalização do saber proposta pela problemática ambiental é muito mais do que a soma de conhecimentos de diferentes disciplinas ou a integração de saberes diversos por uma metalinguagem comum, segundo Leff (2001, ps. 145 e 17)

“implica a transformação dos seus conhecimentos para então internalizar o saber ambiental, que emerge do espaço de exclusão gerado no desenvolvimento das ciências centradas em seus objetos de conhecimento e que produz o desconhecimento de processos complexos que escapam à explicação dessas disciplinas, ocupando seu lugar no vazio deixado pelo progresso da racionalidade científica”.

Tratando do tema ambiental e a importância da ação conjunta para buscar a sustentabilidade, Sen (2010) afirma que o papel de cada cidadão na política ambiental, é de envolver-se com sua capacidade de pensar, valorizar e agir, e isso requer conceber os seres humanos como agentes, em vez de meramente recipientes. Aborda nesse sentido que a postura passiva de “recipiente” atende o interesse de mercado e, portanto, garante o cumprimento do papel de consumidor. A ideia de reflexão/ação leva ao debate da democracia, pois a formação do pensamento crítico demandará espaços de participação do cidadão na defesa de seus pontos de vista, proporcionando a mudança prática comportamental.

Para que haja essa mudança comportamental, na qual se espera cidadãos mais participativos, reflexivos e indo diretamente ao debate da democracia, é necessário que desde os anos iniciais ofereça-se uma aprendizagem base para as crianças, as quais são cheias de curiosidade e buscam o tempo todo por novas descobertas.

Bruner (1972) apresenta a aprendizagem por descobertas, mas declara que esta não é a única forma, pois o professor tem papel fundamental de mediação de conhecimento, possuindo discernimento para avaliar os conteúdos que são válidos ou não para cada período da vida dos estudantes. Porém, mesmo com tal importância na separação e escolha para seus alunos, há sempre o papel de mediador do conhecimento, não apenas depositando o conhecimento, mas informando e gerando debates entre todos.

Gadotti (2000) afirma que a nova educação deve apoiar-se em outras formas de percepção e conhecimento, não menos válidas e produtivas. A informação é disponível em muitos locais, porém, na escola, temos maiores chances de sabermos qual informação é correta e benéfica para o desenvolvimento do conhecimento, pois espera-se que nela, que todos os alunos tenham liberdade para questionar, apontar, debater e criar seus conceitos. Ainda que segundo Freire apud Gadotti (2000, p.47),

“Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos rezeiros, em que variados gestor dos alunos, do pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheio de significação”

Quando Sen(1999) destaca a liberdade como fator primordial do desenvolvimento, o autor não pretende que cada integrante social pratique ações sem pensar ou como convém, mas que o desenvolvimento requer a remoção das principais fontes de privação de liberdade, como: pobreza, tirania e negligência dos serviços públicos. Mas que o Estado, acompanhe esse processo, nesse caso o ensino-aprendizagem. É importante que a cada modificação cultural, as políticas de inserção social e oportunidades sejam revistas. Assim como, o ensino, e suas ferramentas básicas de repasse de conteúdos.

Nessa perspectiva, a inserção de ferramentas midiáticas no contexto de aprendizagem singular ganha um papel importante, pois quando inserimos o estudante na prática com meios de comunicação, a exemplo o jornal impresso, ele envolve-se com sua capacidade cognitiva, descobre a partir de uma conversa com os leitores, na confecção de uma entrevista ou pesquisa para composição de uma matéria que será publicada. Realiza por si, uma reflexão sobre a aula, a qual, de forma coletiva não seria realizada em sua plenitude. Novamente aqui refere-se à Freire, o qual afirma que a aprendizagem em sala de aula deve ser feita através de discussões entre professor/aluno e não apenas com o educador frente a todos.

Toda comunicação democrática começa indo às pessoas, partindo delas e de sua realidade

[...]colocar o destinatário não apenas no final do esquema, mas também, no princípio: originando as mensagens, inspirando-as, como fonte de pré-alimentação [...] recolher as experiências dos destinatários, selecioná-las, ordená-las e organizá-las e, assim estruturadas, devolvê-las, de tal modo que elas possam torná-los conscientes, analisá-las e refleti-las [...] Quando a mensagem é difundida, o sujeito coletivo pode reconhecer-se nela, identificar-se com ela, ainda que sejam outros atores e não ele o protagonista dando vida à história. (KAPLÚN, 1998, p.78-79)

Porém, os espaços de ensino tradicionais não devem ser abolidos em sua totalidade, o que se busca é inserir nesse contexto os avanços tecnológicos que vivenciamos neste século, não podemos integrá-los de forma completa e rápida, pois ainda, muito é desconhecido, e nem correr contra sua importância e dimensão.

Para Barbero (1990), a ênfase da recepção reside na análise da constituição do cultural pelas mediações comunicativas. As mediações que atravessam a relação dos receptores com os meios não existem fora da relação com os meios: classes sociais, gênero, etnia, família, escola, grupos de amigos, indivíduos estão sendo modelados pela cultura da mídia. As mediações comunicativas na recepção são apreendidas através da análise dos textos midiáticos relevantes

no cotidiano do receptor, abrangendo o exame do texto e dos usos, da sua circulação no espaço/tempo do receptor e da conformação deste espaço/tempo.

Como ensina Leff (2001, p. 149), o saber ambiental não está acabado, concluído em um paradigma já construído, mas está “em processo de gestão, em busca de suas condições de legitimação ideológica, de concepção teórica e de objetivação prática”. Tal saber emerge de um “processo transdisciplinar de problematização e transformação dos paradigmas dominantes do conhecimento”. Fica claro que o autor defende que o saber não se forma e nem esgota nas salas de aula – seja universitárias ou não – ou em laboratórios de pesquisa. Ele se constitui na aplicabilidade do saber/conhecimento perante aos problemas ambientais, em um diálogo entre os conhecimentos adquiridos nesses momentos e os saberes práticos, cotidianos e populares.

### **3 METODOLOGIA**

Em termos metodológicos para a realização da pesquisa em relação aos objetivos, tratou-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa dos dados. Baseou-se em uma amostragem não-probabilística por julgamento, com técnica de coleta de dados por meio de um questionário semiestruturado.

Amostragem não probabilística por julgamento é usada, segundo Gil (1999) quando não se tem conhecimento do universo e os indivíduos são selecionados através de critérios subjetivos do pesquisador. A seleção dos participantes foi feita após um breve levantamento de pessoas dispostas e interessadas em colaborar com o estudo, os quais foram escolhidos a partir do critério: profissão. Para participar do grupo selecionado os participantes deveriam ter como profissão de atuação: professor de ensino fundamental.

As informações coletadas passaram por três fases de análise, para que fosse possível chegar a respostas focadas no assunto tratado. Primeiramente analisou-se superficialmente os dados, a fim de identificar respostas que continham maior importância de conteúdo. Após, realizou-se uma segunda análise de cada questionário, onde todos os dados foram devidamente transcritos para uma planilha. No último momento da etapa, as respostas foram analisadas e comparadas, a fim de comparar a opinião das diferentes áreas, em relação ao mesmo assunto, que afeta a todos, de uma maneira geral.

Para a tabulação dos dados coletados a partir do instrumento de pesquisa, utilizou-se a análise de conteúdo. Aplicou-se sua versão em função de “administração da prova”, a qual, segundo Bardin (2011, p.35), descreve-se como sendo “hipótese sob a forma de questões ou de afirmações provisórias, servindo de diretrizes, apelo para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma informação”.

### **4 APONTAMENTOS REIAS: O que dizem profissionais da educação a respeito da Educação Ambiental**

A fim de cruzar informações coletadas durante a busca bibliográfica, entrevistou-se 15 professora de escolas públicas do interior do Rio Grande do Sul, as quais demonstraram grande interesse em trabalhar com seus alunos o assunto em questão, mas apresentaram alguns empecilhos para tal ação.

Ao iniciar o questionamento com as profissionais, perguntou-se se acreditavam existir em crianças, tendências a desenvolver compulsão por compras, todas responderam que sim, o que veio a ser confirmado ao decorrer do questionário, no qual as entrevistadas afirmaram perceber que seus alunos possuem perfis consumidores e 10 participantes apontaram que os educandos adquirem com frequência as novidades tecnológicas do mercado; 50% apontaram



que, mesmo sendo crianças de famílias de classe média e baixa, procuram usar roupas de marcas, ou mesmo roupas conhecidas entre os colegas, seja pela marca ou pela estampa. Ao tratarmos sobre causas que despertam o consumismo nas crianças, as professoras apontaram a propaganda direcionada à criança, a mídia, modismo, tecnologias e o exemplo dos pais.

Em uma pergunta de múltipla escolha, foram questionadas sobre como seus alunos demonstravam-se ao relatar não ter comprado o que desejavam, 11 educadoras apontaram para a opção revoltado, seguido da opção “aceitam, pois cultivam a esperança de que em algum dia, poderão comprar”. Outras opções assinaladas com significância foram: “triste”, “desiludido da vida” e “com inveja de quem pode comprar”.

Ao questionar suas percepções em relação à implementação de atividades voltadas ao consumo com crianças de até 12 anos em sala de aula, notou-se uma grande aceitação, porém 12 participantes afirmaram que as atividades deveriam envolver as famílias ou mesmo, iniciar e/ou partir delas para depois ter aplicabilidade na escola (8 educadores ressaltam que a escola deve vir somente após a família).

Em relação às iniciativas da escola, questionou-se a existência de trabalhos voltados ao consumo consciente com os alunos e se os professores, em particular, criavam projetos em sala de aula. De todas participantes, apenas 4 responderam que costumam trabalhar com os alunos todos os anos, seja no consumo de água, reciclagens, maquetes com o incentivo de materiais que não sejam o isopor e alguns apontamentos sobre o consumo voltado a compra e aquisição de produtos ou serviços. Das professoras que trabalham os projetos apontados, destaca-se uma das respostas obtidas “os alunos adoram, pois são muito criativos e participam com muito empenho, descobrindo os conceitos e estabelecendo relações. Muitas vezes acabam associando o seu dia-a-dia no trabalho e trazem à sala, seus relatos sobre a aplicabilidade dentro de casa”.

Questionou-se se as educadoras acreditavam que trabalhar a questão do consumo consciente com os alunos, auxiliaria no desenvolvimento de atividades conscientes em suas famílias também e o resultado foi positivo. Todas as participantes apontaram que sim. Destacam-se duas respostas: “com certeza, pois hoje em dia os nossos alunos são influência ativa na vida familiar” e, “certamente, a partir do momento que os alunos compreenderem as consequências ambientais do consumo exagerado, mudarão suas posturas e refletirão no comportamento familiar. Hoje eles influenciam todos a sua volta”.

As profissionais foram questionadas se já notaram seus alunos conversando sobre práticas conscientes ou de preservação ambiental e todas afirmaram que sim, inclusive algumas destacaram que o assunto é rotineiro, por já terem trabalhado conservação ambiental. As professoras afirmaram que um dos assuntos que gera muita preocupação é a poluição causada pelo descarte dos produtos, como computadores e móveis. Uma participante afirmou que quando são desenvolvidos projetos ambientais de preservação, percebe-se que alguns alunos tem grande preocupação em diminuir o consumo excessivo de alguns itens, como o papel e itens que se repetem (brinquedos, roupas, sapatos, etc.).

Por fim, questionou-se a implementação de práticas voltadas ao consumo consciente em disciplinas gerais, não se limitando a apenas uma ou outra, como ciências ou português com textos interpretativos e para 13 educadoras, a ideia seria muito interessante, pois percebem a escassez de trabalhos na área, além de terem pouco incentivo por parte de poderes públicos para que o assunto esteja presente nas salas de aula.

É importante ressaltar que ao longo das entrevistas, todas as professoras ressaltaram que trabalhariam com o assunto, desde que tivesse apoio e amparo por parte dos superiores, de forma a auxiliar na junção dos assuntos e avaliar os trabalhos. Finalizando, destacamos uma das respostas obtidas: “acredito que tudo o que debatemos em sala de aula gera um debate maior na casa das crianças. Elas são hoje, o centro de tudo e conseqüentemente, levam para suas casas assuntos vistos na escola, possibilitando um desenvolvimento endógeno do que veem conosco”.

## 4 CONCLUSÃO

O presente trabalho integra um conjunto de pesquisas relacionadas ao consumo o desenvolvimento infantil, de modo que, em sua maioria, são trabalhos que apresentam resultados reais alcançados por meio de metodologias que envolvem aplicação de questionários e outros de grupos focais com profissionais ligados à crianças – que trabalham ou mantêm contato diariamente com elas – e com as próprias crianças, de até 12 anos.

A proposta de análise indicada no presente estudo buscou colocar alguns apontamentos a respeito da utilização de novas ferramentas comunicacionais a disposição de novas formas de ensino em sala de aula. Deixa-se claro que a proposta não é abolir a maneira como o ensino-aprendizagem vem acontecendo, mas buscar na tecnologia, uma grande aliada na educação.

Sabe-se que as crianças já estão nascendo inseridas em aparatos altamente tecnológicos, manuseando equipamentos de forma endógena. Se muitas vezes a tecnologia é vista como uma vilã tanto para crianças quanto para tecnologia, talvez estejamos em um momento oportuno para revermos conceitos e métodos prontos.

Como pode ser visto em um curto resumo do que foi encontrado em uma longa tarde de discussão entre pesquisadoras e educadoras, estas encontram-se dispostas e cheias de ideias para trabalhar os mais variados conceitos e ensinamentos com seus alunos. Assim como a aprender, debater e oferecer as crianças novas perspectivas, mais conscientes, de viver e consumir.

É inegável a presença da comunicação e da internet em sala de aula, assim como, suas possibilidades, dentro do contexto da atividade educacional e da vida diária atualmente. Além de inegável é impossível não render-se a utilização de suas ferramentas e mecanismos. Os espaços informais de ensino ampliam-se cada vez mais, contribuindo no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes, estimulando a inserção social e o debate sobre as questões pertinentes em nossa sociedade, como as ambientais.

Se o elo principal entre teoria – e até mesmo a prática – está em plena aceitação de mudar visões e auxiliar em um desenvolvimento endógeno mais consciente, então chega-se ao momento em que uma grande integração entre educação, comunicação e conscientização deve iniciar. Dessa forma, a integração da comunicação com a educação está se legitimando como um importante campo interdisciplinar de ação e reflexão frente ao desenvolvimento da sociedade, das novas tecnologias da comunicação, da informação e do deslocamento da escola como fonte privilegiada do conhecimento, oportunizando a inovação de processos.

Valorizar tais condutas requer um cidadão ressignificado, buscando suplantar a racionalidade econômica, individualista e de consumo, para um conjunto de saberes do bem estar, da solidariedade da erotização pela natureza e pelo outro, em busca de uma racionalidade ambiental. Quem sabe esta racionalidade seja capaz de reconstruir a tradição perdida e alcançar a modernidade ainda inacessível, de efetiva construção da interculturalidade. Tais mudanças não viriam para conformar outro modelo encapsulado de conhecimentos, mas um processo permanente de diversidade.

Sabe-se que não esgotam-se as discussões na área pesquisada, assim como não seriam poucas as sugestões de trabalhos a darem prosseguimento, mas a conclusão da qual acredita-se ter uma grande importância do estudo apresentado, é que há inúmeras possibilidades de unir comunicação e educação em busca de novos resultados em prol de todos os campos da vida humana.

Assim como, grandes são as possibilidades de sensibilização de jovens e também adultos para a vida equilibrada ao meio ambiente com aporte da educomunicação. Não é apenas apresentar números do consumo da água, poluição de rios ou solo. É inserir em nossa existência a perspectiva de que somos integrantes do meio ambiente, não apenas usufruidores do mesmo, mas parte consumida dele. Nesse sentido, muito além de professores dispostos, alunos

envolvidos e comunidade escolar engajada, precisamos de governos abertos e empenhados na longa caminhada, auxiliando e orientando seus professores a se utilizarem do mundo que possuem em suas mãos e que seus alunos tanto amam e dominam.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, P. B. **Direito Ambiental**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2005.
- ARENDRT, H. **A Crise da Cultura**. In: ARENDRT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BOYD, D.; ELLISON, N. B. **Social network sites: definition, history, and scholarship**. Journal of Computer-Mediated Communication. 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>> Acesso em: 16/06/2016
- BRUNER, Jerome. **O Processo de Educação**. Tradução de Lólio Lorenço. São Paulo: Nacional, 1972.
- CORREIA, A.; ARENDRT, H. **Filosofia Passo-a-Passo**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2008.
- ISRAEL, S. **A era do Twitter**. Editora Campus-Elsevier, 2010.
- FLORIANI, D. **Educação Ambiental, epistemologia e metodologias**. Curitiba: Vicentina, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papyrus, 2004.
- KAPLÚN, M. **Comunicación entre grupos: el método del Cassete-Foro**. Buenos Aires: Humanitas, [s.d.]. 1988.
- LATOUCHE, S. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. São Paulo; Martins Fontes, 2009.
- LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. Trad.: Sandra Velenzuela. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução de Lúcia M. E. Orth. Petrópolis, RJ: Vozes. 2001.
- MARTÍN-BARBERO, J. De losmedios a lasmediaciones. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.
- \_\_\_\_\_. De losmedios a laspracticassociales. In: **Cuadernos de comunicación y practicassociales**, n. 1, p. 9-18, 1990.

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários a Educação do Futuro**. Brasília: Editora Cortez/UNESCO, 2000.

SOARES, I. O. **Do Santo Ofício à Libertação**. São Paulo: Paulinas, 1988.

\_\_\_\_\_. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011.

SEN, A.; KLIKSBERG, B. **As pessoas em primeiro lugar**: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado. São Paulo; Companhia das letras, 2010.